



ENSINO E PESQUISA EM ETNOECOLOGIA E ETNOBIOLOGIA NA REGIÃO NORTE DO BRASIL

Moacir Haverroth

Embrapa Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. E-mail: moacir.haverroth@embrapa.br

Submitted: 03/23/2018; Accepted: 31/05/2018

Resumo: Neste capítulo, fazemos um breve apanhado sobre pesquisadores e trabalhos importantes na Amazônia no área de Etnobiologia e Etnoecologia, sem a pretensão de esgotar o tema, mas retratando um panorama que mostra a importância da Região e seu potencial, considerando que reúne alta biodiversidade e grande diversidade cultural, com destaque aos Povos Indígenas. Assim, partimos do final do século XIX até os anos mais recentes, destacando alguns autores e publicações marcantes.

Palavras-chave: Amazônia; Povos Indígenas; Etnobotânica; Etnozoologia; Antropologia

Abstract: In this chapter, we write a brief survey of researchers and important works on Ethnobiology and Ethnoecology in the Amazon Region, without the pretension of exhausting the theme, but portraying a panorama that shows the importance of the Region and its potential, considering its high biodiversity and great cultural diversity, with emphasis on Indigenous Peoples. Thus, we start from the end of the nineteenth century to the most recent years, highlighting some authors and outstanding publications.

Kew-words: Amazon; Indigenous Peoples; Ethnobotany; Ethnozoology; Anthropology

Nos últimos anos, temos visto grande crescimento do ensino e da pesquisa em etnobiologia e etnoecologia em todas as regiões do Brasil. O número de publicações lançadas é um reflexo desse movimento e, por um efeito de retroalimentação, acaba impulsionando novos projetos de pesquisa com esse enfoque. Na Região Norte, não tem sido diferente. Porém, a região tem dimensão relativamente maior e menor concentração de especialistas. Esses fatores acabam criando um cenário de escassez de projetos de pesquisa num ambiente com alta diversidade biológica e cultural como é a Amazônia.

Nosso intuito, aqui, é traçar um panorama geral do ensino e da pesquisa em Etnoecologia e Etnobiologia na Região Norte, fazendo um levantamento dos trabalhos feitos até aqui e das perspectivas para o futuro próximo. Não temos a pretensão, no entanto, de esgotar as informações sobre o assunto, pois, para tanto, haveria necessidade de uma avaliação mais aprofundada. Na Região Norte, predomina o bioma Amazônia, de maneira que trataremos aqui deste bioma em território brasileiro.

Um marco importante foi o Primeiro Congresso Internacional de Etnobiologia (ICE), com o lançamento da Carta de Belém e a fundação da Sociedade Internacional de Etnobiologia e Etnoecologia (Posey e Overal, 1990). Dessa forma, a Amazônia marcou significativamente o início de uma nova fase para a etnobiologia brasileira e mundial.

Antes dessa data, no entanto, houve importantes contribuições, tanto de pesquisadores isolados ou ligados a instituições de pesquisa, como o Museu Paraense Emílio Goeldi. Muitos trabalhos não foram cunhados de “etno-”, porém, atendem às características típicas da área em, pelo menos, algum ponto, seja pela metodologia de coleta de dados, pelo público alvo ou pelo tipo de análise realizada.

A etnobiologia, ainda não com esse termo conhecido, como trabalho científico, no Brasil, teve seus primórdios através dos cientistas viajantes ou naturalistas. Dentre estes, podemos citar, como exemplo, as anotações de Karl Friedrich Phillipp von Martius, em sua viagem pelo Brasil, de 1817 a 1820, quando colheu dados obtidos da convivência com grupos indígenas acerca de doenças, alimentação, sistemas de cura e plantas medicinais (Martius, 1979), onde aparecem referências a grupos amazônicos. Isto ainda antes do surgimento da antropologia como ciência. Ainda no século XIX e início do século XX, Barbosa Rodrigues já realizava trabalhos tipicamente etnobotânicos entre

diversas populações nativas do Brasil, como grupos Tupi-Guarani e os então chamados Tapuios do Vale do Amazonas, Paraguai e Mato Grosso (Barbosa Rodrigues, 1992), sendo que havia uma incrível semelhança com os trabalhos etnocientíficos da linha cognitiva das décadas de 50 e 60, desde Harold Conklin (1962) até Brent Berlin (1968, 1977, 1973; Berlin, Breedlove e Raven, 1966) e outros, guardadas as peculiaridades da época.

A *Suma Etnológica Brasileira* teve o seu volume 1 (Ribeiro, 1987) voltado à etnobiologia. Entre os trabalhos apresentados, há alguns mais antigos (Lévi-Strauss, Sauer, Métraux, Heizer, Cooper, Gilmore) e outros mais recentes (Carneiro, Prance, Elizabetsky, Chernela, Kerr, Posey, Zarur) tratando de aspectos etnobotânicos e etnozoológicos de grupos indígenas do Brasil, dentre os quais, a Amazônia é parte importante.

A obra de Richard Evans Schultes pertence à tradição dos grandes botânicos que têm estudado a Amazônia, embora tenha iniciado seus trabalhos no México e, depois, se concentrado na Colômbia. Foi um dos pioneiros da etnobotânica e da etnofarmacologia, estudou os múltiplos usos que as culturas indígenas dão às plantas. É considerado o pai da etnobotânica moderna. Destacamos a obra de Schultes e Reis (1995), da qual foi editor e faz um apanhado da Etnobotânica como disciplina científica. Schultes contribuiu para a ciência da botânica muito além da imensa coleção de plantas que coletou, muitas das quais novas para a ciência, mas ele foi o primeiro a apontar a estreita dependência e profundo conhecimento das plantas pelos povos nativos da floresta tropical (Sequera, 2006).

Cavalcante e Frikel (1973) publicaram um estudo sobre a farmacopéia dos Tiryó, entre Brasil e Suriname (Terra Indígena Parque do Tumucumaque). Paulo Bezerra Cavalcante (1922-2006) pesquisou diferentes disciplinas ligadas à Botânica, incluindo a Etnobotânica (Secco, 2007). Foi pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Darrel A. Posey (1947-2001) destacou-se como um dos mais importantes etnobiólogos da geração que surgiu a partir dos anos oitenta. Posey (1987), ao estudar os Kayapó, demonstra a sofisticação com que eles interagem com o ambiente, refletindo tanto no modo como classificam os seres do mundo natural e as diferentes zonas ecológicas, quanto nas suas complexas técnicas agrossilviculturais.

Berta Ribeiro teve uma contribuição importante, principalmente entre os povos indígenas do Rio Negro (Ribeiro, 1995), onde documenta o papel da mandioca em sua agricultura, alimentação, comércio e até na produção de peças artesanais destinadas ao beneficiamento da raiz, demonstrando que tais atividades são importantes na rede de relações sociais e comerciais entre os vários grupos e desses com os não indígenas da região.

A etnozologia Yanomami, grupo Sanumá, no norte de Roraima, foi estudada por Taylor (1977). A etnoornitologia é uma área importante para o estudo das aves. Na Amazônia, destacam-se os estudos de Jensen (1988), que analisa a classificação das aves pelos Wayampi, Urubu-Ka'apor, Sateré-Mawé e Apalaí, e Giannini (1991), que estudou a classificação das aves pelos Kayapó-Xikrin do Pará.

A etnobotânica dos Waimiri-Atroari, entre o norte de Amazonas e sul de Roraima, foi o foco de estudo de um grupo de pesquisadores do Royal Botanic Gardens (Reino Unido), do Programa Waimiri Atroari (Manaus), Universidade de Cape Town (África do Sul) e Departamento de Biologia da Universidade do Amazonas (Milliken et al., 1992). Um trabalho de Bruce Albert e William Milliken (1999) trata de um paciente trabalho de etnobotânica dos Yanomami realizado entre 1993 e 1994, publicado em português com o título "Urihi A - A Terra-Floresta Yanomami" (Albert e Milliken, 2009).

Charles Clement, pesquisador da área de genética e melhoramento vegetal do INPA, tem também estudado e publicado acerca de questões da etnobiologia, incluindo preocupações com biopirataria (Clement, 1990; Clement e Alexiades, 2000).

Laure Empeaire, atualmente professora visitante do Centro de Desenvolvimento Sustentável - UnB e pesquisadora do Institut de Recherche pour le Développement (IRD), destaca-se como importante pesquisadora em etnobotânica e conhecimentos tradicionais, tendo estudado manejo de recursos biológicos na Amazônia, com destaque para a mandioca (Empeaire, 2000, 2002, 2005 e Empeaire et al., 2001).

William Balée, professor titular no Departamento de Anthropologia, Tulane University, New Orleans, é um dos maiores nomes da etnobiologia na Amazônia. Entre os seus muitos trabalhos, destacamos um estudo sobre a persistência do conhecimento etnobiológico tradicional na Amazônia, onde o autor enfoca a Família Tupi-Guarani (Balée, 2000). Em seus trabalhos, enfatiza a identificação e classificação de florestas antropogênicas e sua diversidade, concentrando-se em povos do Tronco

linguístico Tupi, florestas amazônicas e ecologia histórica (Baleé, 1994, 1998, 2012, 2013; Baleé e Erickson, 2006).

O estudo de quintais tem se revelado área interessante para a etnobiologia e, na Amazônia, alguns trabalhos vêm sendo realizados nessa área, sendo um dos mais conhecidos e citados o de Amorozo e Gély (1988), com populações caboclas do Baixo Amazonas, no Pará. Estudos com quintais urbanos têm sido mais raros, principalmente na Amazônia, onde, em muitas cidades, ocorrem em alta densidade e frequência, se destacando na paisagem (Pacheco, 2003). Os quintais têm sido definidos como uma modalidade de agricultura urbana, uma área ainda pouco estudada na Amazônia.

Especificamente em plantas medicinais e etnofarmacologia, destacamos alguns pesquisadores, como Van Den Berg (1982), então pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, com seu trabalho sobre sistemática. Di Stasi e Hiruma-Lima (2002), com pesquisa no município de Humaitá-AM, comunidades ribeirinhas do Rio Madeira e na aldeia dos Tenharim, no Amazonas; o trabalho etnobotânico de Ming (2006) na Reserva Extrativista Chico Mendes. Elaine Elisabetsky, atualmente professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde coordenou, por 25 anos, o Laboratório de Etnofarmacologia, no Departamento de Farmacologia, tem sido uma das principais referências em etnofarmacologia no Brasil e, durante dez anos, pesquisou na Amazônia o uso de plantas por comunidades caboclas, indígenas e de seringueiros (Elizabetsky, 1990; Elisabetsky e Castilhos, 1990). Recentemente, Lopes (2017) realizou pesquisa sobre a Etnobotânica dos Kaxinawá da Terra Indígena Nova Olinda, no Acre, levantando e analisando o uso medicinal de mais de duzentas espécies da floresta.

Muitos dados etnobiológicos da Amazônia podem ser encontrados nas etnografias de antropólogos que aqui vieram estudar as diferentes populações, principalmente indígenas. Na série de seis volumes do *Handbook of South American Indians*, editada por Julian H. Steward, na década de quarenta do século XX, vários autores clássicos (Alfred Métraux, Claude Lévi-Strauss, Reichel-Dolmatoff, Leslie White, Erwin H. Ackerknecht, entre outros) aparecem como correspondentes, indicando já uma ligação entre pesquisadores das ciências naturais e da antropologia.

Delvair Montagner Melatti e Júlio Cezar Melatti, desde 1975, vêm estudando os Marubo e apresentam dados interessantes da etnomedicina e etnoecologia do grupo (Melatti e Melatti, 1975; Montagner, 1991), com detalhes sobre a nomenclatura, classificação e uso dos “remédios do mato” ou *mani pei rao*.

Nos últimos anos, diálogos entre antropologia da saúde e ciências biológicas têm gerado estudos interessantes sobre os sistemas locais de saúde, onde as plantas medicinais são elementos importantes dentro de contextos de intermedialidade, termo inicialmente empregado por Greene (1998) ao discutir o xamanismo dos Aguaruna da Amazônia Peruana. Os estudos de xamanismo, tais como Langdon (1996) e Labate (2014) têm dado contribuições à etnobotânica e à etnofarmacologia da Amazônia, ao levantar dados sobre os vegetais utilizados nos rituais xamânicos ou religiosos, geralmente com propriedades psicoativas, sendo os mais conhecidos a chacrona (*Psicotria viridis*) e o cipó jagube ou simplesmente cipó (*Banisteriopsis caapi*).

Um volume editado por Haverroth (2013) reúne dez estudos de caso focando na relação entre conhecimento etnobotânico indígena e práticas de cura, com base em pesquisas realizadas por diversos autores entre diferentes comunidades indígenas, principalmente na Amazônia. Uma obra ímpar foi editada por Quinet e Muru (2014) a partir de dados sobre o conhecimento etnobotânico dos Kaxinawá (Huni Kuin) do Rio Jordão, Acre, resultado de um esforço coletivo que combinou a sabedoria dos xamãs kaxinawá com a experiência botânica de pesquisadores do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (Coimbra Jr., 2016).

Organizações Não-Governamentais vêm atuando na Amazônia e, pela própria natureza do trabalho, têm fortes relações com a etnobiologia e etnoecologia. Em alguns casos, o trabalho de pesquisa é, essencialmente, participativo, onde indivíduos das próprias populações participam ativamente do processo de pesquisa e de coautoria. Como exemplo, citemos a obra “Peixe e Gente no Alto Rio Tiquié” (Cabalzar, 2005), por meio do Instituto Socioambiental, um trabalho minucioso, trilingue e ilustrado e em que os participantes aparecem como autores ou colaboradores. No Acre, a Comissão Pró-Índio do Acre vem trabalhando com formação e pesquisa participativa com Agentes Agroflorestais Indígenas, tendo também publicações em coautoria em português e nas línguas próprias. O Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipê) tem trabalhos entre populações tradicionais e indígenas no Estado do Amazonas. Como exemplo, em 2005, iniciou o projeto “Etnobotânica e Manejo Agroflorestal no Entorno da Estação Ecológica de Anavilhanas (ETNO)”, financiado pelo

Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), tendo como fruto o lançamento, em 2009, do livro “Diálogos agroecológicos...” (Cardoso e Semeghini, 2009).

A Enciclopédia da Floresta (Carneiro da Cunha e Almeida, 2002) “*nos oferece múltiplas visões de uma importante região da floresta amazônica — de sua diversificada biota, de sua história recente e das pessoas que a habitam, com sua própria compreensão localizada desses fenômenos*”, como descreve Balée (2004), numa resenha da obra. Uma característica importante do livro é o fato de ter sido escrito por vários pesquisadores importantes da área, pertencentes a diversas disciplinas, além de moradores da região do Alto Juruá, no Acre. Para Balée (2004), trata-se de um exemplo admirável da colaboração entre cientistas, regionais e nativos.

Um estudo das plantas da Ilha de Duraka, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, resultou num livro (Aguiar, 2005) com dados sobre a etnobotânica de seus moradores. A continuidade do trabalho levou à uma tese tratando da morfologia das palmeiras a partir de uma abordagem Etnobotânica com uma comunidade indígena do Alto Rio Negro (Aguiar, 2011), além de artigos nessa mesma linha (Aguiar e Mendonça, 2011). Atualmente, a autora é professora do Instituto Federal do Amazonas.

Em cada Estado da Região Norte, podemos encontrar professores(as) e pesquisadores(as) ou núcleos de pesquisa que trabalham com enfoque etnoecológico. As principais instituições ainda são as Universidades Federais, o INPA, o MPEG, o IEPA (Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá) e as Unidades da Embrapa da Região Norte. Nessas instituições, diversos projetos de pesquisa e desenvolvimento vêm sendo executados, especialmente com povos tradicionais e indígenas.

Com relação ao ensino de etnobiologia e etnoecologia, ainda são poucos os cursos de graduação e pós-graduação que oferecem disciplinas nessas áreas na Região Norte, assim como no país. Como exemplos, temos as disciplinas de Etnobiologia, Ecologia Humana e Etnodesenvolvimento na Unifesspa (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará) e na UFPA (Universidade Federal do Pará)/Campus de Altamira. Em geral, os cursos são esporádicos ou há a inclusão do tema em disciplinas afins, principalmente nos cursos de ciências biológicas e ciências sociais/antropologia, bem como em alguns cursos de pós-graduação. Nestes, o ensino se dá muito mais através da relação entre orientador-orientando. Essas inserções dependem muito do perfil dos professores de cada instituição, onde são poucos aqueles com formação em etnoecologia e etnobiologia, principalmente com as metodologias que estão sendo estabelecidas nos últimos anos.

Finalizando, verifica-se o crescimento da pesquisa em etnobiologia/etnoecologia na Região Norte, principalmente por meio de projetos em rede. A cada evento específico dessas áreas ou inserido em eventos mais amplos, nota-se o aumento no número de trabalhos de pesquisa e no número de estudantes e de jovens pesquisadores dedicados aos temas relacionados. Tais eventos servem de impulso para a atração de novos estudantes, professores e pesquisadores. Entretanto, a área ainda depende do esforço de poucos profissionais nesta Região e a grandeza geográfica limita a realização de eventos, principalmente quando há escassez de recursos destinados às pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, M.O.; MALHEIROS, E.N. (org.), 2005. Plantas da Ilha de Duraka, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas: estudo etnobotânico. Manaus: Editora Valer.

AGUIAR, M.O. 2011. Comunidade indígena de Tunuí Cachoeira, Alto Rio Negro – Amazonas: uma abordagem Etnobotânica e morfológica das palmeiras. Tese (Doutorado em Botânica) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus.

AGUIAR, M.O.; MENDONÇA, M.S. 2011. Terminologia Baniwa relacionada às palmeiras. *Acta Botanica Brasilica* (Impresso), v. 25, p. 1677-941X.

ALBERT, B.; MILLIKEN, W. 2009. *Urihi A: a Terra-Floresta Yanomami*. São Paulo: IRD/ISA.

AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A., 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena/PA. *Boletim do museu Paraense Emilio Goeldi*, 4(1):47-131.

BALÉE, W. *Footprints of the Forest: Kaapor Ethnobotany: The Historical Ecology of Plant Utilization by an Amazonian People*. New York: Columbia University Press, 1994.

BALÉE, W. *Advances in Historical Ecology*. 1. ed. New York: Columbia University Press, 1998. 448p .

BALÉE, W.; ERICKSON, C.L. (Org.). *Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in the Neotropical Lowlands*. 1. ed. New York: Columbia University Press, 2006. 432p .

BALÉE, W. *Indigenous Forests of Malaysia and Amazonia: Towards Comparison of Jah Het and Ka'apor Arboriculture*. 1. ed. Bangi: Penerbit Universiti Kebangsaan Malaysia, 2012. v. 1. 44p .

- BALÉE, W. *Cultural forests of the Amazon*. 1. ed. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2013.
- BALEE, W.L., 2000. Antiquity of Traditional Ethnobiological Knowledge in Amazonia: The Tupi-Guarani Family and Time. *Ethnohistory* – V. 47, Nº. 2, pp. 399-422.
- BARBOSA RODRIGUES, J., 1992. *A Botânica. Nomenclatura Indígena e Seringueiras*. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro [1905/1900, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional].
- BERG, Maria Elisabeth van den. 1993. *Plantas Medicinais na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.
- BERLIN, B. 1977. Bases empíricas de la cosmología aguaruna jíbaro, Amazonas, Perú. *Studies in Aguaruna Jivaro Ethnobiology*, Report nº 03. Berkeley: University of California.
- BERLIN, Brent; BREEDLOVE, Dennis E.; RAVEN, Peter H., 1966. Folk Taxonomies and Biological classification. *Science* 154:273-275.
- BERLIN, B. 1968. Covert Categories and Folk Taxonomies. *American Anthropologist* 70:290-299.
- BERLIN, B. 1973. General principles of classification and nomenclature in folk biology. *American Anthropologist* 75:214-42.
- CABALZAR, A. (org.), 2005. *Peixe e Gente do Alto Rio Tiquié: conhecimentos tukano e tuyuka, ictiologia, etnologia*. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- CARDOSO, T.M. & SEMEGHINI, M.G. (orgs.), 2009. *Diálogos agroecológicos: conhecimentos científico e tradicional na conservação da agrobiodiversidade no rio Cuieiras (Amazônia Central)*. Manaus: Instituto de Pesquisas Ecológicas, 2009.
- CARNEIRO DA CUNHA, M.; ALMEIDA, M.B. de (orgs.), 2002. *Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Cia. das Letras.
- CAVALCANTE, P.B.; FRIKEL, P. *A Farmacopéia Tiriyó: estudo Etno-botânico*. 1 ed. Ed. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. 1973. 143 p. (Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, n. 24).
- CLEMENT, C.R., 1990. Introduction to botanical resources. In: *Ethnobiology: Implications and Applications*. Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology (Posey, D.A., W.L. Overall, C.R. Clement, M.J. Plotkin, E. Elisabetsky, C.N. da Mota & J.F.P. de Barros, eds.). Secretaria de Ciência e Tecnologia/CNPq, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, pp. 245-247.
- CLEMENT, C.R.; ALEXIADES, M.N., 2000. Etnobotânica e biopirataria na Amazônia. In: *Tópicos atuais em botânica - palestras convidadas do 51º Congresso Nacional de Botânica* (Cavalcanti, T.B.; Teles Walter, B.M., eds.). Sociedade Botânica do Brasil, Brasília, DF, 23-29.07.00, pp. 250-252.
- COIMBRA JR., C.E.A. 2016. Una Isĩ Kayawa: Livro de Cura do Povo Huni Kuĩ do Rio Jordão. Edited by Agostinho Manduca M. Īka Muru and Alexandre Quinet. 2014. Jardim Botânico do Rio de Janeiro and Dante Editores, Rio de Janeiro. 260 pp. *Ethnobiology Letters* 7(1):24–25.
- CONKLIN, H. 1962. Lexicographical Treatment of Folk Taxonomies. *Actional Journal of American Linguistics*, vol. 28, part IV, pp. 119-141, april.
- DI STASI, L. C. & HIRUMA-LIMA, C. A., 2002. *Plantas Medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica*. 2ª Edição revisada e ampliada. São Paulo: Editora da UNESP.
- ELISABETSKY, E. (ed.), 1990. Ethnopharmacology. In: *Ethnobiology: implications and applications*. Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology (Belém, 1988), vol. 2. (D.A. Posey & L.W. Overall, orgs.). Belém: MPEG, pp. 107-164.
- ELISABETSKY, E.; CASTILHOS, Z.C. 1990. Plants Used As Analgesics By Amazonian Caboclos as a Basis for Selecting Plants for Investigation. *International Journal of Crude Drug Research.*, v. 28, n.4, p. 309-320.
- EMPERAIRE, L., 2000. Entre floresta y ciudad: estrategias de producción en el Rio Negro Medio. *Bulletin de L`institut Francais D`etudes Andines*, 29(2): 215-232.
- EMPERAIRE, L., 2002. A agrobiodiversidade, o exemplo das mandiocas na Amazônia. *Ciência Hoje*, 32(187): 28-33.
- EMPERAIRE, L., 2005. A biodiversidade agrícola na Amazônia brasileira: recurso e patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 32: 31-43.
- EMPERAIRE, L.; PINTON, F.; SECOND, G., 2001. Manejo de la diversidad varietal de la yuca en la Amazonia del noroeste. *Etnoecologica*, 5(7): 38-59.
- GIANNINI, I.V., 1991. *A Ave resgatada: “A Impossibilidade da Leveza do Ser”*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GREENE, S., 1998. The Shaman’s needle: development, shamanic agency, and intermediality in Aguaruna Lands, Peru. *American Ethnologist* 25(4):634-58.
- HAVERROTH, M. (Ed.). 2013. *Etnobiologia e Saúde de Povos Indígenas*. Recife: Nupeea.
- JENSEN, A.A., 1988. *Sistemas indígenas de Classificação de Aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- LOPES, B.P.C.S. 2017. *Estudo etnobotânico de plantas medicinais da Terra Indígena Kaxinawá de Nova Olinda, município de Feijó, Acre*. Dissertação (Mestrado em Agronomia: Horticultura) - Faculdade de Ciências Agrônomicas, Universidade Estadual Paulista, Botucatu.

- Labate, BC; Cavnar, C. (eds.). 2014. *Ayahuasca shamanism in the Amazon and Beyond*. Oxford: Oxford University Press.
- Langdon, E.J.M. (Org.). 1996. *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- MARTIUS, K.F.P. von, [1939]1979. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros: 1844*. 2ª edição. São Paulo: Editora Nacional.
- MELATTI, J.C. & MELATTI, D.M., 1975. Relatório sobre os índios Marubo. *Série Antropologia* 13. Brasília. Disponível em <www.unb.br/ics/dan/Serie13empdf.pdf>, acesso em 17/10/2007.
- MILLIKEN, W.; ALBERT, B.; 1999. *Yanomami. A Forest People*, Royal Botanic Gardens, Kew, London, UK.
- MILLIKEN, W; MILLER, R. P.; POLLARD, S. R. & WANDELLI, E. V., 1992. *Ethnobotany of the Waimiri-Atroari Indians of Brazil*. London: Royal Botanical Gardens.
- MING, L.C., 2006. *Plantas medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes (Acre): uma visão etnobotânica*. São Paulo: Ed. UNESP.
- MONTAGNER, D. 1991. Mani Pei Rao: remédios do mato dos Marubo / Mani Pei Rao - Remedies in the Woods of Marubo. In: Buchillet, D. (org.). *Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia*. Belém, CEJUP, pp. 463-87.
- PACHECO, S.O.O., 2003. *Avaliação de pomares em quintais urbanos nos bairros consolidados da cidade de Manaus*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas.
- POSEY, D.A., 1987, Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó), in: *Suma Etnológica Brasileira*, volume I: etnobiologia (B. Ribeiro, org.), Petrópolis: Vozes.
- POSEY, D.A. & OVERAL, W.L. (orgs.), 1990. *Ethnobiology: implications and applications*. Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology (Belém, 1988), vol. 1 e 2. Belém: MPEG.
- QUINET, A.; MURU, A.M.M.I. (Org.). *Una Isi Kayawa: Livro da Cura do Povo Huni Kuin do Rio Jordão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Dantes, 2014. v. 1000. 256p .
- RIBEIRO, D. (Ed.), 1987. *SUMA Etnológica Brasileira*. Volume 1: Etnobiologia (B. Ribeiro, coord.). Petrópolis: FINEP/Vozes.
- RIBEIRO, B., 1995. *Os Índios das Águas Pretas*. São Paulo: Edusp/Companhia das Letras.
- SECCO, R., 2007. Paulo Cavalcante: o Botânico da Amazônia. <http://www.museu-goeldi.br/sobre/NOTICIAS/21_05_07_%20Paulo%20Cavalcante%20o%20Bot%C3%A2nico%20da%20Amaz%C3%B4nia.htm>, acesso em 16/10/07.
- SEQUERA, L. 2006. Richard Evans Schultes. January 12, 1915–April 10, 2001. In: National Academy of Sciences (Ed.). *Biographical Memoirs*, Volume 88. Washington, D.C.: The National Academies Press, pp. 339-351.
- SCHULTES, R.E.; REIS, S. (eds.). 1995. *Ethnobotany: Evolution of a Discipline*. Portland, Or.: Dioscorides Press.
- TAYLOR, K.I., 1977. Sistemas de classificação e ciência do concreto. *Anuário Antropológico* 76. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 121-148.
- VAN DEN BERG, M.E. 1982. *Plantas Medicinais na Amazônia: Contribuição ao seu conhecimento sistemático*. Belém: CNPq/PRU/MPEG.